

O PESO DA DÍVIDA EXTERNA

Brasil pagará mais de US\$ 31 bilhões de juros e amortização em 1997. Mas o governo garante que a situação está sob controle

Nelson Oliveira
Da equipe do Correio

Bastaram a renegociação de 1992 e o sucesso do Plano Real para o Brasil esquecer o pesadelo da dívida externa, que começou em 1982. Em dez anos, o País ganhou fama de caloteiro. E souu a camisa para aumentar as exportações, tentando pôr dólares em caixa. Das vendas ao exterior dependia a entrada de dinheiro necessário ao pagamento de importações e de uma pequena parte da dívida.

"A situação atual é totalmente diferente", garantiu ontem o chefe do Departamento Econômico (Depec) do Banco Central, Altamir Lopes. Durante a divulgação do boletim da área externa relativo a 1996, Lopes previu que o Brasil deve conseguir rolar os seus débitos.

Só de amortização (pagamento do dinheiro empresariado não incluindo os juros), vão vencer US\$ 19 bilhões em 1997. A conta dos juros não vai ser menor que US\$ 12 bilhões — montante gasto em 1996 —, segundo o próprio Lopes. O desembolso total, portanto, deverá superar os US\$ 31 bilhões, o que representa um aumento de 14% em relação às despesas realizadas em 1996. "Em 1997, vão vencer os empréstimos feitos por meio de bônus (empréstimos não-bancários) há três anos", explica o chefe do Depec. "Esses bônus têm condições piores

em termos de juros e prazos". A dívida externa total do Brasil é de US\$ 166,7 bilhões.

OTIMISMO

Por que, então, o técnico do BC acredita que as noites mal dormidas ficaram no passado? "O mercado está amplamente favorável", avalia Lopes. Ele quer dizer que o Brasil vai pagar as prestações e juros dos empréstimos que se vencem este ano com novos empréstimos concedidos pelos mesmos credores. E a nova dívida terá juros menores e prazos maiores. É o que todo brasileiro pendurado no cheque especial gostaria de ouvir.

Em janeiro do ano passado, as empresas privadas e o setor público conseguiam dinheiro por meio de bônus a um prazo médio de seis anos e quatro meses. Em janeiro deste ano, o prazo havia subido para oito anos e cinco meses. O custo (juros e outros encargos) caiu no mesmo período de 11,13% ao ano para 10,09% ao ano. Com prazos mais largos, o valor das amortizações em 1998 vai cair a US\$ 11,8 bilhões.

Só que o problema não morre aí. Segundo o boletim divulgado ontem pelo BC, o balanço de pagamentos de 1996 apresentou um buraco de US\$ 24,3 bilhões no que se chama de "transações correntes". Apesar do nome, o balanço de pagamentos não registra apenas os pa-

Ed Fernandes/AE



Altamir Lopes está confiante: "A situação do Brasil hoje é mais tranqüila"

GASTOS

Aumento das despesas com a dívida externa — em US\$ bilhões		
	JUROS	AMORTIZAÇÃO (pagamento de principal)
1995	10,6	11
1996	12,7	14,4
1997	acima de 12	19
Total para 1997	acima de 31	

gamentos da dívida externa, das importações e dos gastos de turistas brasileiros em viagem ao exterior. O que o Brasil recebe de investimentos e empréstimos, as receitas de ex-

portações e turismo — tudo é registrado ali.

GASTOS

As transações correntes do balan-

ço de pagamentos mostram a fragilidade do país no curto prazo. O déficit em transações correntes aumentou 26% entre 1995 e 1996 basicamente por dois fatores. O primeiro foi o aumento de US\$ 2,1 bilhões nos juros da dívida. O segundo foi o aumento dos gastos com importações e o fraco desempenho das exportações, que geraram um déficit comercial de US\$ 5,5 bilhões em 1996, contra os US\$ 3,3 bilhões de 1995. Contribuíram também o aumento das viagens de brasileiros ao exterior e a diminuição das remessas de brasileiros que vivem fora do país.

Diante desses números assustadores, Altamir Lopes reage com extrema confiança. E apresenta razões para justificar o otimismo. Ele diz que o dinheiro usado para tapar esse buraco é cada vez mais proveniente de investimentos e empréstimos de médio e longo prazo, que em 1996 representaram 68% do movimento total de capitais, contra 34% em 1995. Em 1995, o capital de curto prazo (empréstimos e aplicações nas bolsas de valores) chegou a US\$ 21,1 bilhões, ou 68% do movimento total de capitais. No ano passado, essa proporção caiu para 30%, com a entrada de US\$ 10 bilhões. O que isso tudo significa? Segundo o governo, que há poucas chances de o País perder esse capital da noite para o dia.

Há um outro dado que tranqüiliza autoridades e funcionários do governo. Diante de uma crise externa como a que assustou a América Latina em 1994 e 1995, o Brasil tem reservas de US\$ 57,8 bilhões. "Esse é um colchão bastante confortável", diz Lopes. No final de 1994, as reservas eram de US\$ 36,4 bilhões.

ANÁLISE DA NOTÍCIA

O QUE EU TENHO COM ISSO?

Se o Brasil está conseguindo pagar sua dívida e os investidores estrangeiros querem aplicar seu dinheiro no país, o que há de preocupante com a área externa da economia? É o que deve se perguntar a maior parte das pessoas.

Assuntos complicados como a taxa de câmbio e o movimento do comércio com o exterior acabam influenciando no dia a dia da população. Por exemplo: o acesso a produtos importados até pelo brasileiro de baixa renda foi consequência do real valorizado frente ao dólar. Ficou mais barato comprar dólares para usá-los em importações. Essa taxa de câmbio favorável ao real foi usada tanto para baixar os preços dos produtos no mercado interno como para abrir o mercado brasileiro aos produtos estrangeiros. A abertura é uma exigência das multinacionais e dos bancos para incluir o país entre aqueles que podem receber investimentos e empréstimos.

Quando o governo Itamar Franco lançou o real, dobrou a aposta que o governo Collor havia feito na abertura ao exterior. Naquele momento, a dívida externa havia sido renegociada, mas voltou a crescer. Só que a taxa de câmbio favoreceu as importações e prejudicou as exportações. As receitas em dólares diminuíram. E o governo não reduziu sua dívida com banqueiros e investidores nacionais. As autoridades dizem não temer essa situação porque contam com crescentes investimentos externos de médio e longo prazo. É uma aposta vencedora até o momento. Os críticos afirmam que é uma jogada arriscada. Se a dívida crescer demais e as exportações não reagirem, capitais de curto ou longo prazo deixarão o Brasil na mão.

E o que o brasileiro de média e baixa renda tem a ver com isso? Todas as vezes que o país passa por um crise externa, o governo acaba aumentando juros para diminuir o consumo e as importações — o que gera recessão e desemprego. Ou então desvaloriza a moeda, o que deságua em inflação. (NO)